

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE BIOLOGIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E O SEU IMPACTO EM SEROPÉDICA: HISTÓRIAS A CONTAR

Elaborado por

THAMIRES BRAZIL MARTINS

Orientadora

DANIELE APARECIDA DE LIMA TAVARES

SEROPÉDICA, 2015.

THAMIRES BRAZIL MARTINS

Orientadora

DANIELE APARECIDA DE LIMA TAVARES

O CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E O SEU IMPACTO EM SEROPÉDICA: HISTÓRIAS A CONTAR

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Ciências Biológicas do Instituto de Biologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

JULHO, 2015

O CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E O SEU IMPACTO EM SEROPÉDICA:
HISTÓRIAS A CONTAR

THAMIRES BRAZIL MARTINS

MONOGRAFIA APROVADA EM: 08/07/2015

BANCA EXAMINADORA:

PRESIDENTE/ORIENTADOR: Daniela

Profª. Drª. Daniele Aparecida de Lima Tavares, UFRRJ

MEMBRO TITULAR: Solange V. Paschoal B. Brandolini

Profª, Drª Solange Viana Paschoal Blanco Brandolini, UFRRJ

MEMBRO TITULAR: B. J. - Cleo Pto.

Prof. Dr. Benjamin Carvalho Teixeira Pinto, UFRRJ

MEMBRO SUPLENTE: Lana Claudia de Souza Fonseca

Profª. Drª. Lana Claudia de Souza Fonseca, UFRRJ

AGRADECIMENTOS

Esta é sem sombra de dúvida a parte mais prazerosa de toda a monografia. Nesta parte me lembro do início e do final e de gratidão meu coração se enche por isso.

Começo agradecendo Àquele que está comigo em todos os momentos! Ele estava nas minhas brincadeiras infantis nos gramados, nas risadas, nos tombos, nos aprendizados, nas idas e vindas de bicicleta, nas conversas, nos momentos de “bandejar”, em cada aula, em cada ensino, em cada aprendizado, em cada prova, em cada trabalho, em cada olhar científico; meu Pai, meu Amigo, meu Conselheiro: o Deus de toda Ciência, que já sabia que a Ciência da Vida seria para mim a melhor escolha, ainda que nem eu soubesse. Não é somente seu poder e sua presença que me constroem, mas seu amor... Ah, pra este Amor, ainda que eu procurasse palavras pra agradecer não encontraria. Por seu amor sou o que sou hoje. Por seu amor escrevo essa monografia!

Aos meus pais, Rose e Valter, meus maiores motivadores, que gastaram tempo, preocupação, orações e me ensinaram/estão me ensinando o caminho.

Minha mãe, que sempre me instruiu a não ser *a* melhor, mas sim *dar o meu melhor* em qualquer coisa que eu fizesse; ouviu minhas reclamações, meus lamentos, mas viu cada um deles se transformar em um milagre. Que me apontou o melhor dos Caminhos, onde não há diplomas, mas sim uma coroa no céu com Jesus Cristo, nosso Senhor! A ela serei sempre grata pelo exemplo de conduta e fé que foi e é.

Meu pai pelos passeios da Rural em que o cansaço era tanto que era preciso empurrar a bicicleta comigo em cima na volta para a casa; pela visita ao CTUR, os passeios pelas casas coloniais, por me mostrar que a Rural poderia ser algo além que um lugar de divertimento, poderia ser um bom lugar pra escolher estudar, trabalhar e viver. Guardo essas histórias na minha memória e no meu coração. Pelas orações, conselhos e palavras.

Aos meus dois especiais presentes que foram gerados durante anos de orações.

O primeiro deles chegou em 2001, Thamara é a prova de que a Fé move o coração de Deus! Minha irmã, que no auge dos seus 14 anos me dá conselhos inspirados pelo Senhor que nem ela acredita. Que me enche de orgulho, pois com que com seu jeitinho engraçado e criativo conseguia me convencer a pensar em algo além da Mono (como ela mesma apelidou a monografia).

Meu segundo presente chegou 10 anos depois, e ele me enche da certeza que Deus coloca pessoas providenciais no meu caminho para me ajudar a caminhar; ao Filipe, meu Bem, agradeço por todo incentivo, aqueles que me comovem e os que me fazem sorrir, os que não me deixaram desistir fosse qual fosse a circunstância! Mais que suas palavras, suas ações refletem uma vida de confiança e esperança em Deus que me inspiram a confiar mais e mais.

À minha família linda, de longe e de perto. Aos que fizeram um churrasco só pra mim quando passei pra Biologia (é claro que eles comeram também), mas aos que apenas puderam me dar parabéns devido à distância! Eles estiveram presentes nas alegrias e tristezas dessa trajetória, me ensinando que as pequenas vitórias precisam ser comemoradas e as grandes também! As risadas, abraços, pulos contagiantes que me fazem sentir que a torcida que eu tenho é maior que da seleção brasileira. Como não agradecê-los?

À minha “mãe postiça”, Tia Cristina, a participante dos meus pulos e gritos mais altos nos tempos de “vestibular” e de faculdade. Pela alegria, amor, dedicação e carinho demonstrados por mim em todos estes anos.

À minha querida orientadora, Professora Daniele. Quando a procurei a única referência que tinha era “ela gosta das coisas bem feitas” e eu respondi “Tudo bem, eu também gosto”. E neste espaço de tempo pude comprovar com verdade essa primeira afirmativa. Pude ver a dedicação, respeito e cuidado tão próximos e fora do comum que nunca tinha vivenciado em toda a faculdade. Agradeço pelas “palavras difíceis” que me ensinou com certeza minha escrita nunca mais será a mesma. Nestes nossos dias de encontro ouvi claramente no coração: “toda autoridade é por Deus constituída”; quando cheguei em casa só pude agradecer a Ele por ter o privilégio de poder ser orientada por alguém como ela.

Aos membros da banca, que com alegria aceitaram o convite para esta monografia. À Professora Solange que com sua simplicidade, amabilidade e doçura faz com que qualquer ambiente se torne melhor. Que orgulho saber que minha diretora é “da terra”. Ao Prof. Benjamin que numa tarde de conversa improvisada renovou as minhas “esperanças adolescentes” de que podemos mudar o mundo, mas podemos começar por Seropédica mesmo e me ensinar que até pra acreditar na ciência é preciso fé. À Professora Lana, pela dedicação, alegria e simpatia sempre demonstrada em suas aulas. Suas histórias de docência me incentivaram a acreditar nesse desafio.

À minha orientadora “por trás dos panos”, Andréa que lia e relia os textos, fazendo críticas construtivas, emotivas e engraçadas de uma amiga sincera. Era mais fácil ler minha monografia depois das piadinhas que ela fazia. Minha gratidão pelas horas que “procrastinou” seus projetos por causa de mim, que me faz rir de mim mesma e de dela também, mostrando que “A alegria do Senhor é a nossa força”.

À Juliana, uma amiga que parece ter vindo embrulhada em laço e enviada de São Paulo para um lugar tão, tão distante. Algumas vezes pensei que se passar e escolher Biologia tivesse sido somente por causa da vida dela, já havia valido a pena. Mais que minha amiga, minha irmã em Cristo, que nos dias nublados me abria as janelas para que entrasse luz. Com palavras tão simples e certas me entendia e me lembrava de quem eu era, sejam nos “chás de comadre”, nos trabalhos, nos horários de aula ou quando nos esbarrávamos. Louvado seja Deus que me deu sua companhia nessa jornada acadêmica.

À Japinha Lumi, que por uma ligação telefônica de amiga me deu a notícia que me fez pular, gritar, correr de alegria só por ter a vaga na Biologia da Rural.

Aos “minhocas” de Seropédica por aceitarem compartilhar suas histórias para este trabalho, às escolas pelos dados concedidos e aos funcionários da ProGrad e da ProExt.

Aos meus irmãos em Cristo da Igreja Evangélica Congregacional de Agronomia, que sempre me ajudaram em oração.

À Universidade Rural, a cada professor, orientador, grupos de pesquisas, a cada amigo feito, refeito, conservado por aqui e a todos que fizeram com que a Thamires que ingressou em 2011 seja diferente da que está “saindo” agora, afinal como bem afirmou Einstein: “A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.”.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender, através da autobiografia de quatro estudantes do curso de Ciências Biológicas da UFRRJ, moradores no município de Seropédica – RJ, a percepção deles a respeito da referida universidade e sua concepção a respeito da Ciência, especificamente antes e após o ingresso na UFRRJ. Além disso, analisar a possível influência da Universidade no município de Seropédica, compreendendo a Rural como local de produção de conhecimento *sui generis*. A partir do entrecruzamento de fontes orais (entrevistas) e fontes escritas (artigos e livros) foram analisadas as memórias dos estudantes do curso de Ciências Biológicas. A análise dos dados evidenciou que apesar da proximidade entre a universidade e a cidade, ainda é frágil esta relação. Com isso, as concepções a respeito da ciência e da universidade como espaço de produção de conhecimento são pouco exploradas.

PALAVRAS-CHAVE: autobiografia, formação docente em Biologia, UFRRJ, Seropédica

ABSTRAT

The aim of this work is to understand, through the autobiography of four students of the course of Biological Sciences at UFRRJ, residents in the city of Seropédica - RJ, their perception about the university and its conception of Science, specifically before and after entry into UFRRJ. Besides, I would like to examine the possible influence of the University in the city of Seropédica, the understanding the university as a local of sui generis knowledge production. From the intersection of oral sources (interviews) and written sources (articles and books) the memories of students of Biological Sciences course were analyzed. Data analysis showed that despite the proximity between the university and the city, is still fragile this relationship. Thus, the conceptions about science and the university as knowledge production space remain underused.

KEY-WORDS: autobiography, Biological education teachers, UFRRJ, Seropédica

SUMÁRIO	Pág.
1 – INTRODUÇÃO	11
1.1 – Apresentação	11
1.2 – Visão da Ciência	16
1.3 – A Universidade como Instituição	18
2 – MATERIAIS E MÉTODOS	21
2.1 – Caracterização local de Seropédica	21
2.2 – Coleta de Dados: Histórias que nos ajudam a entender	23
3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
4 – ANEXOS	35
5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

LISTA DE FIGURAS	Pág.
Figura 1 – Divisão do município de Seropédica em bairros.....	33
Figura 2 – IDHM em Seropédica.....	33
Figura 3 – Cartaz na manifestação estudantil.....	34

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento.....	35
Anexo 2 – Perguntas feitas na entrevista.....	36
Anexo 3 – Entrevista	37

1- INTRODUÇÃO

1.1 - Apresentação

Partindo do pressuposto que esta monografia trata-se de histórias que se relacionam com a UFRRJ, o curso de Biologia, a formação de professores e a cidade Seropédica; como “minhoca”¹, considero oportuno começar pela minha própria história.

A Biologia foi se desenhando pouco a pouco como uma possibilidade nos meus anos de Ensino Médio (2008-2010). Com perguntas interessantes e provas não convencionais, meu professor de Biologia era o que poderia ser chamado de peculiar; ele próprio fazia questão de afirmar o quanto era diferente. Ele construía as provas com uma linguagem diferenciada da que eu me deparava em outras disciplinas, ele se afastava do dito convencional (perguntas que exigiam dos estudantes decorarem os conteúdos trabalhados em sala de aula). Lembro-me que as perguntas faziam referência ao cotidiano dos estudantes, eram redigidas em forma de notícias (como em um jornal) e de forma coloquial. Algumas perguntas estavam relacionadas a festas do calendário brasileiro, como a festa junina. Nestas perguntas, os personagens ganhavam vida e “falavam” conosco nos perguntando sobre o conteúdo trabalhado em sala de aula. Este professor marcou muito minha trajetória neste nível de ensino, embora eu não me considerasse excelente estudante na área de Biologia, estudar esta disciplina trazia-me a impressão de poder ver o mundo que me rodeava com outros olhos.

Como moradora de Seropédica, a minha visão sobre a universidade, a UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), era de um grande local de lazer. Ela era meu parquinho favorito na infância. Meus pais sempre me traziam a universidade para brincar em seus diversos espaços, a saber: o ginásio de desportos, os lagos rodeados pela grama verde e os jardins internos (como o do Prédio Principal – P1). Sua belíssima arquitetura encantava a todos que visitavam estes espaços. Para nós, não era um lugar acadêmico, de produção do conhecimento, a “nossa” Rural era um espaço de diversão. Lembro-me com carinho dos passeios de bicicleta pelas ruas internas da universidade e das fotos tiradas com as esculturas da UFRRJ (como os “leões chafariz” do Prédio

¹ Minhocas– refere-se aos moradores de Seropédica que ingressam na Universidade. Caracterizados como “Da terra” por viverem aqui

Principal). Ao escrever estas linhas, lembro-me de quando comecei a cursar a graduação em Biologia e não saber onde se localizava o prédio da mesma. Para mim e os meus familiares não importava os nomes dos prédios ou o que as pessoas faziam lá dentro, a Rural era nossa área de passatempo.

A minha visão sobre esta grande área construída a 1km da minha casa, considerada para mim como o “quintal de casa”, começa a mudar quando entro para o Ensino Médio, no Colégio Técnico da Universidade Rural, o CTUR. Esta “nova” Rural é desvelada sob meus olhos a partir dos conhecimentos que foram sendo construídos neste período. A universidade ganha novo significado quando começo a compreender que além do lazer, ela também é espaço de produção de conhecimentos.

Com a proximidade da minha casa, a UFRRJ passa a ser a minha principal opção para ingressar no Ensino Superior. Portanto, andar com a listagem de cursos da Rural nas mãos, no terceiro ano do Ensino Médio, era algo natural. Eu procurava conhecer os cursos que esta universidade oferecia e com quais deles eu poderia ter uma maior afinidade. Na época, eu não desejava um curso de formação de professores e por este motivo buscava cursos que tivessem o Bacharelado como opção. Sempre vi o ensino como uma arte, uma vocação, mas devido às várias contrariedades notadas em sala de aula, ainda como aluna (indisciplina, tempos utilizados para docência que não se restringem a sala de aula, a construção do trabalho docente e etc.) e falta de valorização profissional, eu era terminantemente contra ser professora. Nessa época, eu já era professora na Escola Bíblica Dominical há quatro anos (iniciando em 2007) na Igreja Evangélica Congregacional de Agronomia, em Seropédica, Rio de Janeiro. Até os dias atuais, trabalho com o contar histórias e compartilhar conhecimentos bíblicos as crianças de diversas idades, o que para mim é um grande prazer. Todavia, apesar de ter iniciado na docência em 2007, não considerava a possibilidade de ser professora como profissão.

A graduação em Ciências Biológicas começou a se delinear em meus pensamentos, por possuir as duas modalidades para a escolha do futuro Biólogo: Bacharelado e Licenciatura. Desta maneira, eu poderia escolher trabalhar na área de pesquisa e ainda ter o diploma pra lecionar, caso fosse necessário ou houvesse oportunidade. Aos olhos de uma concluinte de Ensino Médio, a licenciatura parecia simples em seu fazer pedagógico se comparada à pesquisa ou às descobertas científicas

do bacharelado. Na época, eu não compreendia a licenciatura como produtora de pesquisas acadêmicas.

No ano de 2010, a UFRRJ já havia aderido ao ENEM² como forma de ingresso aos cursos da universidade. No Sistema SISU³ é possível ver a nota de corte e suas chances de ingresso naquele curso baseando-se nisto. Ao lançar minha nota do ENEM nos primeiros dias no sistema SISU, acreditava que não teria nota suficiente para estar na listagem de selecionados, pois a nota de corte já estava superior à minha no início da seleção. Além disso, ficaria alguns dias sem dispor de internet, por ocasião de uma viagem, o que não me possibilitaria a chance de mudança. Entretanto, mesmo com as chances muito pequenas, optei pelo curso de Ciências Biológicas por ser a opção que acreditava ser a “certa”.

Ao voltar de viagem, a resposta para meu ingresso no curso de Ciências Biológicas foi negativa. Todavia, eu havia conseguido nota necessária para ingressar no curso de licenciatura em Educação Física. A opção por realizar minha matrícula no referido curso está ligada às lembranças positivas das minhas aulas na escola; lembro-me de ser uma das horas mais esperadas nos diversos níveis de ensinos. O Ginásio de Desportos da UFRRJ também tem um lugar importante nesta escolha, pois em minha infância representou um espaço de lazer e alegria. Sendo assim, eu acreditava que cursar Licenciatura em Educação Física também seria algo que me daria prazer.

Na semana seguinte, por intermédio de uma amiga, soube que tinha sido convocada para minha primeira opção no ENEM, o curso de Ciências Biológicas. O que para mim era impossível passou a ser real. No dia 24 de fevereiro de 2011, eu estava matriculada na graduação do curso de Ciências Biológicas da UFRRJ, turma 2011/1. Hoje sei como minha classificação aconteceu: na lista de espera não existia mais diferença entre cotistas e não cotistas, logo minha nota foi superior e fui uma das convocadas para a matrícula, mas na ocasião eu não saberia descrever como.

² Exame Nacional do Ensino Médio.

³ Sistema de Seleção Unificada. Segundo o site do MEC, o SISU “é o sistema informatizado, gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), no qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).” É o meio pelo qual o aluno que prestou prova pelo ENEM pode se inscrever para o curso e faculdade de sua preferência.

Esta experiência me fez delimitar como hoje entendo a ciência, em especial as biológicas, em relação aos fenômenos e achados científicos, pois seu intuito, como a própria etimologia da palavra Biologia⁴, é o estudo da Vida.

Na vida existem muitos fenômenos que ocorrem e desconhecemos, eles ocorrem independentemente da nossa vontade e não cessam porque precisamos estudá-los. Até que algum dia o interesse pelo fenômeno é despertado em alguém, e ele é explicado. Neste sentido, é pertinente as seguintes indagações: a beleza desse fenômeno foi desfeita apenas por que houve explicação para ele? Como argumenta Lucado (2011, p. 74):

(...) para algumas pessoas a perda do mistério afetou a grandiosidade. Quanto mais adquirimos conhecimento, menos acreditamos. Estranho, você não acha? O conhecimento do processo não deveria anular a admiração. O conhecimento deveria provocar admiração.

Por isso, apesar de hoje saber de que forma ocorreu a minha entrada no curso, a beleza deste fenômeno, que eu chamo de Milagre, e do propósito não se desfez por conta disso. A Biologia, como ciência tornou-se ainda mais admirável pela quantidade de mistérios que em seu interior abriga.

Em alguns momentos fiquei um tanto desorientada no decorrer da graduação, a diversidade e especificidade de diversos assuntos, por vezes fragmentados, me fizeram questionar a respeito de que área dentro da Biologia seguir. Optei por licenciatura, sem descartar a possibilidade de cursar Bacharelado no futuro.

Minha consciência a respeito da representatividade da universidade, seu propósito e ação para a sociedade, foram modificados nos meus anos de estudante nesta universidade. A maneira que eu percebia a Rural foi paulatinamente modificada, ela não era mais um lugar só de lazer ou beleza externa, era agora, um local de produção de conhecimentos. Dentro desta perspectiva, compreendia ser possível ver a universidade como produtora de conhecimentos que estariam a serviço também da sua comunidade local. Entretanto, a linha que tangenciava esta questão era tênue, pois o que eu

⁴ Segundo definição presente no Livro Didático escrito por Lopes e Rosso (2005), Biologia em sua etimologia significa vida (*bio*) e estudo (*logos*). Sendo assim, é a ciência que estuda a vida e suas inter-relações.

acreditava ser o papel⁵ da universidade, não acontecia na prática. Segundo a LDB 9394/96, em seu artigo 43

A educação superior tem por finalidade formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira (*Ensino*), incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica (*Pesquisa*), visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (*Extensão*). (Alterações em itálico pela autora)

Assim, o conhecimento produzido na universidade deve ser não só transmitido/construído, mas também debatido e oportunizado à sociedade. A partir desta concepção, surgiram as seguintes perguntas: “o que os cidadãos seropedicenses pensam a respeito da Universidade que se localiza no âmago de sua cidade?”, “Que tipo de proximidade os cidadãos de Seropédica tem com os estudantes, funcionários e professores da UFRRJ?”, “Quais são suas expectativas diante dessa instituição pública de ensino? Poderia a Rural alcançar com suas inúmeras pesquisas os cidadãos que estão tão perto dela?”

Tendo estas perguntas como ponto de partida, o objetivo deste trabalho é desvelar, através da autobiografia de estudantes moradores de Seropédica, ingressantes da UFRRJ, no curso de Ciências Biológicas, qual a percepção deles a respeito da referida universidade, especificamente antes do ingresso e após o mesmo, e sua concepção a respeito da ciência, se esta se modificou ou não após o ingresso na Universidade. Além disso, analisar a possível influência da Universidade no município de Seropédica, compreendendo a Rural como local de produção de conhecimento *sui generis*.

A experiência de escrever minha monografia me ajudou a compreender como minhas vivências familiares e escolares influenciaram na minha escolha pela Biologia, e ainda influenciam nos dias de hoje, e para, além disto, qual foi a representatividade da UFRRJ. Apoiada nos escritos de Alberti (2000, p.3) compreendo que

⁵ A universidade como produtora de conhecimento científico e educacional não deveria limitar-se ao *Campus*, alunos e funcionários. Como repartição pública deve servir ao público em geral, mesmo fora dela, e não somente aos seus próprios interesses e buscas. O que é produzido nesta instituição deve ter utilidade não só para quem a fomenta, mas principalmente para a sociedade a quem ela serve. A respeito da UFRRJ há uma cidade ao seu entorno por onde ela poderia iniciar a “prática” de sua teoria.

A ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo, na experiência concreta, faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo. Acredita-se que as biografias ilustram formas típicas de comportamento e concentram todas as características do grupo; mesmo as desviantes mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo. Elas permitem identificar as possibilidades latentes da cultura e deduzir “em negativo” o que seria mais frequente.

Através das lembranças são despertados sentimentos de afeto ou desafeto que se relacionam diante de determinados questionamentos que são feitos (Souza *et al*, 1996). A escolha pela autobiografia como método teórico metodológico nesta monografia é potente, pois através das memórias dos entrevistados⁶, da história oral, e das reflexões possíveis é que se busca compreender o papel da Rural na formação de professores de Ciências Biológicas.

1.2 - Visão da Ciência

Um estudo realizado por Silva (2010) com alunos do Ensino Médio, no primeiro ano de ingresso e no último de ingresso, procurou investigar as concepções destes a respeito da natureza da ciência⁷. Ele discorre a respeito da necessidade de serem apresentados os conteúdos da ciência, os conhecimentos específicos, mas também os conteúdos sobre a ciência. Segundo este autor, os conteúdos sobre a ciência seriam a base para que os estudantes compreendam o fazer científico, a “ciência e a sociedade, a percepção da ciência como atividade humana, a falibilidade dos cientistas, entre outros”(p. 620).Silva atribui esta questão as visões distorcidas apresentadas por muitos estudantes a respeito da ciência e do cientista – como alguém predestinado, ou com dons específicos para o ofício – e esta caracterização equivocada da ciência faz com que se produza um afastamento dos mesmos as carreiras científicas, por não se sentirem capazes, a altura, de fazer ciência. Em suas palavras “é comum a população depositar nos cientistas um valor acima dos que eles realmente merecem, endeusando-os, em alguns casos” (p. 625).

⁶ Foram realizadas quatro entrevistas com estudantes da UFRRJ matriculados em Ciências Biológicas e residentes de Seropédica.

⁷ Apoiado em Grotzer, Miller e Lincoln (2012, p. 41), Durbano (2012) caracteriza que a Natureza da Ciência é o modo como o conhecimento é produzido e suas características.

Há que se destacar que esta visão apresentada pelos discentes está muitas vezes atrelada à visão dos próprios docentes acerca da ciência e também aos formadores dos mesmos. A maneira como a ciência é trabalhada com os estudantes na formação de professores não está dissociada da visão de uma ciência única, dogmática e pouco problematizada. Um trabalho realizado por Martínez e Benarroch (2012) com professores de nível superior, buscou compreender quais eram as concepções a respeito da Natureza da Ciência, distinguindo entre construtivista ou empírica. A maioria dos docentes caracterizou a ciência como conhecimento objetivo e fechado em sua própria natureza, que pode ser descoberto por metodologias científicas, que são submetidas ao rigor e precisão de sua aplicabilidade. Nesta caracterização, a visão de ciência é mitificada através de seus métodos e resoluções que a tornam infalível. Ao traçar um paralelo dos trabalhos de Martínez e Benarroch (2012) e Silva (2010), compreendo que a visão de ciência dos protagonistas de seus artigos em muito se assemelham; docentes e discentes apresentam visões semelhantes quanto à compreensão da natureza do saber científico.

Para compreensão do porque desta semelhança, é importante destacar que a discussão a respeito da importância da Natureza da Ciência é muito recente. Estudos de Adúriz-Bravo e Izquierdo (2002) fazem menção à história da educação científica e seu modo de ensino, em cinco fases distintas: (i) a primeira, que eles chamam de “Adisciplinar”, do século XIX até meado dos anos 50 do século XX, onde as ciências eram desconectadas, fragmentadas; (ii) a segunda etapa “Tecnológica”, localizada nos tempos da Guerra Fria (década de 50 e 60) foi estimulada principalmente pelos Estados Unidos que iniciam uma mudança no currículo (deslocando o eixo conhecimentos focado na vida cotidiana do estudante para o conhecimento acadêmico/científico) e o incentivo a pesquisa empirista - a visão nesta etapa é de uma ciência eficiente, que intervém na sala de aula com conhecimentos gerados externamente, mas não se preocupa com o desenvolvimento do conhecimento básico; (iii) a terceira etapa conhecida como “Protodisciplinar” (década de 70) visando a formação de uma elite científica que considera a educação científica como um objeto de estudo, formando assim um novo campo acadêmico; (iv) a quarta fase (década de 80), a “Disciplina Emergente”, insurge para amenizar a diversidade de pensamento, reconhecer que a problemática educacional era comum a vários âmbitos disciplinares e precisava ser sintetizada para melhor aproveitamento - surge a abertura interdisciplinar; e a quinta

etapa “Disciplina Consolidada”, fase atual, procura consolidar a educação científica como disciplina tanto na educação teórica escolar quanto na comunidade acadêmica.

Ao traçar este panorama, Adúriz-Bravo e Izquierdo (2002) evidenciam que a visão de ciência apresentada na segunda etapa, ainda é presenciada e enraizada no ensino de muitos países. Esta visão persiste até os dias atuais, coexistindo com lutas internas curriculares entre o eixo que foca no saber discente e no que objetiva o saber científico. Neste sentido, é possível compreender a semelhança das visões docentes e discentes sobre a ciência.

Esta construção da visão científica não é tributária somente a sala de aula, ela também ganha força em cenários externos a escola, através da sociedade. Sendo assim, refletir sobre o entorno (a cidade de Seropédica) da universidade se faz importante. Neste trabalho, procuro compreender através de estudantes (4), cidadãos de Seropédica, criados na cidade e que cursam o curso de graduação em Ciências Biológicas na UFRRJ, localizada em Seropédica, as histórias a contar sobre sua visão de ciências.

1.3– A Universidade como Instituição

Ao procurar pela etimologia da palavra universidade, deparo-me com a definição presente na página do buscador Google, onde as universidades são definidas como:

instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior, e a realizar pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico e a divulgação de seus resultados à comunidade científica mais ampla.

Em um trabalho a respeito do papel da universidade enquanto instituição, Chauí (2003) argumenta que a partir das revoluções sociais do século XX, um dos direitos adquiridos como cidadania seria a educação e a cultura. Como uma instituição social, a universidade deveria viabilizar o acesso ao conhecimento visando à democracia. Para a autora há uma enorme diferença entre uma instituição e uma organização.

Ainda de acordo com este pensamento, para a instituição, a sociedade é o seu principio de referência normativa e valorativa. A universidade deve rebater os aspectos sociais discrepantes, de maneira que pode se interpor respondendo às contradições em

que se encontram inseridas a sociedade, e até mesmo contrapor-se ao Estado, pois é a universidade que “detém autonomia intelectual e pode relacionar-se com o todo da sociedade e com o Estado de maneira conflituosa”(p. 6). O ensino docente deve extravasar os muros da universidade e chocar-se com a realidade social a sua volta.

Caso o ideal da universidade se torne o de uma organização, o conhecimento será gerado pela utilidade, formam-se profissionais para atuar no mercado de trabalho, isentos de questionamentos a respeito de um serviço gerado em prol da sociedade, a realidade social é um dado fato, imutável para a organização. Não há relevância na formação intelectual e social dos alunos para a sociedade, e sim uma organização de como estes se portarão como mão-de-obra (CHAUI, 2003).

Dessa maneira, quando a universidade procede como organização, ela já não é um ambiente de transformação, mas sim de reprodução. Há, portanto, uma clara diferença na perspectiva de Instituição social e Organização social. Chaui (2003, p. 7) argumenta que

A docência (na organização social) é pensada como habilitação rápida para graduados, que precisam entrar rapidamente num mercado de trabalho do qual serão expulsos em poucos anos, pois se tornam, em pouco tempo, jovens obsoletos e descartáveis; ou como correia de transmissão entre pesquisadores e treino para novos pesquisadores. Transmissão e adestramento. Desapareceu, portanto, a marca essencial da docência: a formação.

O utilitarismo⁸ tanto dos conceitos quanto das pessoas faz com que a universidade perca em suma o seu próprio significado: “formação profissional e científica, aliada à pesquisa para uso humanístico, tecnológico e artístico” (Dicionário Aurélio), de modo que este seja difundido à própria sociedade onde a universidade esta inserida, tendo que é parte integrante dela.

Diante desta perspectiva, há que se refletir sobre a formação da UFRRJ no município de Seropédica. Atualmente, localizada no Km 7, da cidade de Seropédica, BR 465, Rio de Janeiro, está a sede da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

⁸ O utilitarismo como forma de condicionar atitudes e escolhas de acordo com o benefício que estas proporcionam, tendo como fuga as disparidades no caminho. Nesta visão, não é levada em conta as necessidades reais, mas sim as oportunidades. Troca-se a formação do indivíduo, por sua produção vantajosa.

(UFRRJ). Segundo Otranto (2003)⁹, criada inicialmente para atender as demandas decorrentes dos setores agrários do país, ela era denominada de Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (ESAMV), e fora instalada no Palácio do Duque de Saxe, hoje CEFET Celso Suckow, no Maracanã, Rio de Janeiro, no ano de 1913. A partir desta data sofreu algumas mudanças de nomes e localizações. A mudança de localização para seu *Campus* atual deu-se apenas em 1948, porém este já estava sendo construído desde 1938.

Grande parte dos cursos de licenciatura surgiu em virtude da necessidade de professores para atuar em áreas urbanas, onde havia a incidência de escola. Segundo Lima-Tavares (2011), a vocação rural da UFRRJ sempre foi muito acentuada em virtude do seu próprio objetivo de criação, que era prestar assistência em atividade agropecuária e interesse de grandes proprietários rurais. Até mesmo os cursos iniciais de licenciaturas que foram criados atendiam a estes interesses, como alternativas para a profissionalização de algumas atividades no campo. Segundo Coutinho (2014), os primeiros cursos criados foram o de Licenciatura em Ciências Agrícolas e Economia Doméstica.

Segundo Lima-Tavares (2011), o curso de Licenciatura em História Natural surgiu no ano de 1968. Por conta dos debates acerca da formação de professores no período, as licenciaturas curtas emergem nestas discussões. Todavia, apoiada na referida autora, a UFRRJ não apresenta curso de licenciatura curta em Ciências. O nome do curso é modificado, principalmente para atender a Resolução 30/74 que estipulava ser obrigatória a Licenciatura Curta aos docentes que desejassem lecionar no Ensino Fundamental, mas funciona como licenciatura plena. É importante destacar que esta característica se deve a rejeição do Conselho Universitário da UFRRJ com o projeto dos cursos de licenciaturas curtas. Embora a Licenciatura em Ciências fosse apenas nominal, a referida autora expõe que, ela se dividia em quatro habilitações: Biologia – que possuía o nome de História Natural – e Química, que já funcionavam desde 1968 e Física e Matemática, as novas habilitações que contemplavam o intuito governamental.

⁹ Para aprofundamento a respeito do surgimento da UFRRJ, da história desta universidade ver: OTRANTO, C. R. A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a Construção da sua Autonomia. Seropédica: UFRRJ, 2003.

Com o diálogo sendo restabelecido na sociedade, governo militar perdendo forças e as eleições diretas sendo construídas, em 1985 há elementos suficientes para a criação do curso de Graduação em Ciências Biológicas em duas modalidades, a saber: licenciatura em Ciências Biológicas e Bacharelado em Biologia Animal e/ou Ecologia. (LIMA-TAVARES, 2011). Segundo Coutinho (2014), o objetivo principal da Licenciatura em Ciências Biológicas neste período foi atender às demandas de formação de professores do Ensino Médio. Nesta direção, Ayres (2005) argumenta que a cultura institucional de um curso pode ser atribuída a dois fatores: (i) está relacionado a fatores externos a instituição, como a política educacional, a política do país, as diretrizes que regem esta formação, os interesses particulares dos grupos políticos que assumem a direção e as ações e interesses de professores, estudantes, funcionários técnico-administrativos que atuam na instituição; e (ii) o segundo está mais intimamente ligado ao curso de que se trata, que no nosso caso especificamente trata-se das Ciências Biológicas na UFRRJ. Este curso mantém relações com o órgão maior, entre seus alunos e professores de departamentos, “neste nível, temos uma relação dialética, pois, ao mesmo tempo em que o Curso e o Departamento são influenciados pela cultura mais geral da instituição, é também gerador desta cultura” (AYRES, 2005, p.232).

2- MATERIAS E MÉTODOS

2.1 - Caracterização local de Seropédica

Seropédica é um município localizado na região Metropolitana do Rio de Janeiro, situada na Baixada Fluminense que possui uma área de unidade territorial de 283,762 Km², segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2012, e possui população residente de 78.186 pessoas, das quais 24.977 pessoas frequentam creches ou escolas.

Segundo o portal “A história de Seropédica”, a região onde hoje se localiza a cidade caracterizava-se por possuir terras férteis com atividades rurais e comerciais, até 1880. Por conta da abolição da escravatura, a região sofreu um brusco declínio. Com o abandono da região, houve o alagamento dos rios obstruídos, provocando um surto de malária que impediria o desenvolvimento econômico da região por um longo período.

Posteriormente, a criação da fábrica têxtil, no chamado atualmente de município de Paracambi, e as obras de saneamento básico na região, possibilitaram que esta pudesse voltar a obter um progresso econômico com o aproveitamento das grandes áreas que possuía.

Ainda segundo informações contidas neste portal, com as obras iniciadas em 1938, para a instalação do Centro Nacional de Estudos e Pesquisas Agronômicas (doravante denominada UFRRJ), e em 1948 com a total transferência da UFRRJ para esta localidade, é que a cidade passou a potencializar seu desenvolvimento urbano. Há que se destacar que os moradores de Seropédica dizem que a universidade não foi fundada em sua cidade, mas que o Município de Seropédica foi formado e cresceu às margens da universidade.

Segundo Coutinho (2014), o desenvolvimento de Seropédica em muito aconteceu pela sua distância com a capital. Com a ausência ou precariedade dos meios de transportes da época, a comunidade acadêmica (representada pelos docentes, técnicos administrativos e estudantes) se estabeleceu no entorno da universidade, contribuindo assim para um crescimento do comércio, das escolas, estradas, etc. Nas palavras da referida autora

[...] a presença da instituição universitária motivou o desenvolvimento comercial e a prestação de serviços para atender às necessidades de professores, técnico-administrativos e estudantes que para lá se deslocavam. (p. 51)

Atualmente, a principal atividade econômica da cidade reside na extração de mineração de argila e areia, seguida pela agricultura familiar (Cardoso, 2008 *apud* Coutinho, 2014), ou seja, a despeito da cidade ter seu crescimento potencializado pela universidade, atualmente ela sobrevive a partir de outras atividades econômicas. Dados do IBGE mapeiam a cidade, segundo Cruz:

O relatório da ONU, que analisa os indicadores de educação, longevidade e renda do município, e os dados apresentados pelo IBGE, mostra que o Município de Seropédica apresenta um baixo desenvolvimento socioeconômico, com um índice de indigência em torno 12,4%. No que diz respeito à expectativa de vida da sua população ao nascer, os dados mostram este valor é de aproximadamente 67,7 anos, colocando na posição 2.954 entre

os 5.562 municípios analisados no estudo, e abaixo da média nacional que é de aproximadamente 73 anos (PNUB,2003). A realidade encontrada influi diretamente no comportamento dos jovens da cidade em relação à escola. No dia a dia é perceptível que apesar da convivência escolar ser um refúgio para muitos desses jovens, em uma cidade de poucas opções de lazer e infraestrutura precária, as privações econômicas que atinge grande parte das famílias da cidade interfere diretamente no desenvolvimento escolar, visto que poucos deles ingressam nos cursos oferecidos pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CRUZ, 2011, p 30 e 31).

O efeito disto é que na cidade poucos moradores têm a visão da Universidade como pública, gratuita e acessível a todos. A mudança implementada pelo governo federal, o ingresso na universidade possibilitada pela prova única do ENEM, e pela plataforma digital SISU, visivelmente¹⁰ foi de uma peça chave para o acesso aos cidadãos de Seropédica.

Há uma vasta discussão a respeito destas políticas, embora esta não seja o nosso objeto de estudo, cabe ressaltar que muitas delas beneficiam os jovens de Seropédica potencializando a possibilidade de aproximação dos moradores ao local de produção de conhecimentos, a universidade.

2.2– Coleta de Dados: Histórias que nos ajudam a entender

Foram realizadas quatro entrevistas com discentes regularmente matriculados no curso de Ciências Biológicas da UFRRJ. Estes estudantes foram denominados A, B, C e D neste trabalho. Três estudantes cursam a modalidade licenciatura em Ciências Biológicas e um o bacharelado em Ciências Biológicas. Estes referidos entrevistados se encontram no período cronológico do curso entre o 2º e o 10º semestre e sua forma de ingresso à universidade foi garantida através do ENEM.

¹⁰ A palavra visivelmente tem significado literal neste trabalho, pois se baseia na minha própria vivência dentro da Universidade, onde pude notar ingressantes da cidade de Seropédica que por sua realidade familiar, educação básica adquirida, necessidades pessoais possuíam pouquíssima perspectiva de ingressar nesta Universidade, porém através do ENEM essas chances foram aumentadas. Até o findar deste trabalho não puderam ser encontradas informações que pudessem consolidar de forma bibliográfica esta afirmativa, pois são escassas as pesquisas a respeito da relação dos moradores da cidade e seu ingresso na UFRRJ, assim como suas condições sociais.

Todos os entrevistados cresceram em Seropédica, são conhecidos na universidade como “minhocas”. Sua faixa etária localiza-se entre 22 e 28 anos. É importante destacar que todos os participantes tiveram sua criação na cidade de Seropédica, e três deles estudaram em escolas públicas da região. As entrevistas foram áudio-gravadas e procurou-se através de seus relatos construir a visão de ciência, de Seropédica, da universidade e do curso de Ciências Biológicas. Apoiada em Alberti (2000), compreendo que as entrevistas são ferramentas potentes de reflexão e construção da história científica. Segundo a autora, “a consolidação da história oral como metodologia de pesquisa se deve ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado” (p. 2).

Neste sentido a entrevista é um meio importante de análise do contexto social e histórico do sujeito, pois ela “transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade.” (p. 2).

De acordo com Delgado (2003), é importante problematizar as representações que os entrevistados apresentam quando visitam suas memórias¹¹. Cada entrevistado constrói um olhar singular a respeito de suas representações. Em suas memórias múltiplos significados surgem, cabendo ao pesquisador a análise, também singular, delas. Sendo assim, neste trabalho as memórias dos entrevistados, proporcionou “ordenação e releitura de vestígios relacionada a comportamentos, mentalidades e valores” e “estabelecimento de nexos entre o presente e as experiências vividas” (p.17). As narrativas foram um suporte para o reconhecimento de identidades¹² coletivas nos discentes entrevistados. Apesar das narrativas serem individuais, estas memórias só foram possibilitadas, pois os entrevistados estão inseridos em contexto sociais. Nesta linha de pensamento está o trabalho de Picoli (2010) o qual argumenta que

A memória coletiva não é a simples sobreposição de memórias individuais, visto que estas raramente convergem – mesmo entre membros de um mesmo grupo. Entretanto é o que permite o amálgama social, a noção de pertencimento, de ser - estar no mundo. Sem sociedade, sem relações sociais, não existiria memória (p. 176 e 177).

¹¹ “A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (Chauí, 1995)

¹² Baseado no trabalho de Delgado (2003) entende-se que a identidade é a base fundamental “de auto reconhecimento do homem como sujeito de sua história” (p.14). A concepção de si mesmo, que por estar inserido num contexto social, acopla valores, ensinamentos, crenças, percepções. As identidades pessoais podem indicar períodos de vivência da história.

Considerando a memória, a história oral e a biografia como potente metodologia para compreender dados sociais, foram elaboradas algumas questões principais que versavam sobre: (i) a escolaridade de seus pais e a profissão exercida por eles; (ii) as memórias dos entrevistados a respeito de suas infâncias na cidade de Seropédica, (iii) panorama da visão social que a universidade possui em e para Seropédica; e (iv) a escolha da UFRRJ como faculdade e as Ciências Biológicas por graduação.

3- RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dados cedidos pela Pró-reitoria de Graduação (ProGrad) da UFRRJ, mostraram que no primeiro semestre do ano de 2015, de um total de 2091 matrículas, 87 matrículas realizadas na universidade eram de estudantes moradores do município de Seropédica.

Partindo deste dado, pode ser feita uma comparação entre o número de ingressantes de Seropédica e a possível quantidade de formandos do Ensino Médio que estariam aptos a ingressar no ensino Superior. No Censo escolar de 2014, disponibilizado pelo Portal do INEP, as matrículas realizadas nos três anos do Ensino Médio nas redes municipais, estaduais, federais e particulares do município de Seropédica totalizavam 4232 matrículas. Para fazer uma inferência a respeito da quantidade de matrículas no terceiro ano do Ensino Médio, foi dividido o número total de matrículas de Seropédica por três, que é a quantidade de anos neste nível de ensino. Através desta linha de pensamento, posso inferir que 1410 jovens estariam matriculados no 3º ano do Ensino Médio no final do ano de 2014. Destes 1410, apenas 87 ingressaram na UFRRJ, logo, 6,17%¹³ deste total ingressou nesta universidade. Cabe ressaltar que não se possui ciência se todos os ingressantes de 2015 concluíram o Ensino Médio em 2014, ou se o fizeram anteriormente.

¹³ Resultado a partir de regra de três simples

Através do mesmo raciocínio, podemos refletir a respeito da universidade neste contexto quantitativo. A UFRRJ recebeu 2091 matrículas para cursos presenciais, segundo dados da ProGrad; sendo comparado o total de matrículas ao número de ingressantes moradores de Seropédica (87 ingressantes segundo a ProGrad), vemos que estes representam 4,16%¹⁴ dessas matrículas. Este dado demonstra que apesar da proximidade entre a universidade e o centro de Seropédica (2 km), a mesma ainda não é acessível a população local. Além disso, baseada no trabalho de Cruz (2011), acredito que a distorção série-idade e a evasão escolar sejam dois fatores importantes a serem levados em conta nesta baixa representatividade dos moradores de Seropédica na UFRRJ.

Atualmente a Universidade Rural possui 17 cursos na modalidade licenciatura. Há projetos e iniciativas educacionais provenientes da parceria ensino-pesquisa-extensão, entre a Universidade e a cidade. O estágio supervisionado, por exemplo, é disposto como conteúdo prático obrigatório das licenciaturas e pode se mostrar como uma possibilidade de interação e reflexão entre a universidade-escola. Apesar de estagiar na cidade, muitos estudantes ao se formarem não permanecem na mesma¹⁵. Refletindo sobre esta questão e procurando compreender aspectos que denotam este deslocamento universidade-cidade, foram entrevistados discentes moradores da região.

Há que se destacar que a cidade, apresenta, segundo Censo Escolar 2014 (disponível no Data Escola Brasil), 34 escolas municipais, 9 colégios estaduais, 10 colégios privados e 1 Colégio Técnico Federal. Em razão do tempo disposto para a realização deste trabalho, foram selecionadas 6 escolas privadas, que realizam a seleção de professores através de análise de currículo e entrevista. Destaco também que as escolas mencionadas se encontram a um raio de até 3 km da própria universidade, possuem fácil acesso e responderam de forma assertiva à pesquisa.

- Centro Educacional União Seropédica (CEUS);
- Centro Educacional Arlinda Donadello Moreira (CEADM),

¹⁴ Resultado a partir de regra de três simples

¹⁵ Dado que surgiu de uma breve consulta nas escolas locais, através da quantificação de professores formados pela Universidade e quantos deste cursaram Ciências Biológicas na UFRRJ

- Colégio Fernando Costa (CFC);
- Escola Encanto de Seropédica (EES);
- Instituto Figueira de Educação (IFE),
- Interactivo – Colégio e Curso (GPI);

Meu objetivo, neste momento, era quantificar quantos professores formados na Rural lecionavam no entorno da mesma. Estes professores não foram entrevistados, para este momento da pesquisa, mas compuseram as análises em termos numéricos e representativos com os dados concedidos pelas mesmas referentes ao ano letivo de 2015.

Das 6 escolas selecionadas, 5 delas possuem em seu quadro efetivos docentes formados pela UFRRJ, e em todos os casos há professores formados em Ciências Biológicas pela Universidade Rural. A análise destes dados argumenta-se a favor da universidade está influenciando a comunidade local. Seus debates, de certa maneira, ultrapassam seus muros e atingem os moradores, quando observamos que há professores formados na UFRRJ. Todavia, é necessário adensar mais os dados para estabelecer uma compreensão ampla entre a influência universidade-escola. A produção de conhecimentos acontece em diferentes instâncias (universidade e escola), todavia, ela ainda pouco transita nas ruas de Seropédica.

A proximidade geográfica da Universidade com sua comunidade não parece ser um canal capaz de democratizar o conhecimento produzido pela universidade e nem de aproximar a universidade aos conhecimentos produzidos pela comunidade do entorno. Esta comunicação é feita, principalmente, por projetos de extensão. Dados cedidos pela Pró-reitoria de Extensão (ProExt) mostram que atualmente existem 26 projetos em vigência no ano de 2015, discriminados em 8 categorias diferentes de editais (Tecnologia, Desenvolvimento Rural, Meio Ambiente, Saúde, Direitos Humanos, Cultura, Educação e Desenvolvimento Rural); 10 destes projetos possuem a cidade de Seropédica como público-alvo e 5 deles estão relacionados a algum aspecto da Educação na/para cidade. Como já salientamos, embora a universidade possua projetos de extensão, e eles sejam financiados por agências de fomentos, a continuidade dos mesmos e a efetiva influência na comunidade local pouco é observada.

As entrevistas realizadas neste trabalho procuraram tecer o pano de fundo da memória coletiva dos quatro estudantes de Ciências Biológicas procurando trazer a tona os seguintes aspectos: o ingresso na UFRRJ, a escolha por Ciências Biológicas e as expectativas sobre a atuação no município.

Procurou-se compreender também os aspectos relativos a história de vida dos entrevistados. Apoiado em Goodson (1994) argumenta-se que conhecer a história de vida dos docentes é compreender o exercício de seu ofício, suas escolhas, seus objetivos e intenções. É compreendê-lo sem destaca-lo de seu contexto. É dar voz a estes atores. Como argumenta Dominicé (1988, *apud* Bueno, 2002), a história de vida é

outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida (p. 140).

Neste sentido, no que diz respeito à história de vida dos entrevistados, aspectos relativos ao seu contexto familiar, foi observado que nenhum dos pais destes entrevistados haviam completado o Ensino Superior. Em dois casos, os pais ingressaram na universidade, mas não concluíram o curso. A ocupação profissional destes pais, declaradas nas entrevistas, são em sua maioria atividade autônoma, seguida de profissionais do serviço militar, empregada doméstica a donas do lar.

Ao serem questionados sobre sua infância na cidade de Seropédica, as resposta não privilegiavam a universidade como espaço de produção de saber e sim como “único” local de lazer, entretenimento em uma cidade deslocada no centro urbano.

ENTREVISTADO B: “Brincava na Rural né, porque era única coisa que a gente tinha realmente, né?”

(...) “Ah, via como, eu acho o quintal da minha casa, uma extensão. É, acho que era isso, uma extensão da minha casa.”.

ENTREVISTADO C: “A Rural era um local onde a gente vinha pra brincar, primeiramente era isso, que tinha/tem a área, a instituição ali da Educação Física, né? Que a gente vinha pra brincar, aí tinha festival de balão”

As memórias relativas à universidade eram como espaço de diversão, era a possibilidade de brincar nos gramados, de correr nos jardins internos. Os entrevistados não fazem referência ao objetivo da universidade naquele momento. Também não relacionam a universidade com a comunidade local. A Rural era espaço usado para lazer, mas não era um espaço produzido e concebido para aquilo; era um empréstimo não declarado que a universidade fazia a comunidade de seu espaço.

Ao serem questionados sobre a visão que apresentavam da universidade em outro momento de suas vidas, como o Ensino Médio, os entrevistados faziam referência há alguns objetivos da universidade. Nas falas dos entrevistados,

ENTREVISTADO C: Só depois que eu passei pelo CTUR, é que eu comecei a ter a dimensão da Rural.

ENTREVISTADO D: “na instituição que eu estudava a gente sempre foi ensinado a conhecer o que a gente iria fazer além dali. Aí, eles apontavam alguns locais e levavam a gente para conhecer e a Rural por ser muito próxima, né, era um dos locais que eles colocavam mais em foco, juntamente com o colégio técnico no ensino médio.”.

A influência dos professores na visão da UFRRJ e a identificação de pessoas formadas pela Universidade deram a estes estudantes, para além da visão de local de lazer no *Campus*, também um local de estudo. Nos casos das entrevistadas A e B, a resposta à visão da universidade como instituição de ensino foi negativa ou considerada um espaço trivial. Elas não indicaram conhecer professores em Seropédica formados pela Rural ou terem tido incentivo escolar. .

Questionados a respeito do motivo pelo qual escolheram a Rural, unanimemente citaram a proximidade como fator importantíssimo de escolha. Apenas o entrevistado D ressaltou que o curso de Biologia foi um dos motivos também. O motivo principal da escolha pelo curso de Ciências Biológicas teve na natureza principal citação: as descobertas, os animais, o deslumbramento pelas experiências e a curiosidade que eram aguçadas a respeito do mundo ao redor.

No quesito sobre a concepção da Ciência, as respostas foram um pouco divergentes, evidenciando como é intrínseca à pessoa esta familiaridade. A visão de

ciência atual leva as posições teóricas e pessoais em consideração para que haja a construção da mesma, por isso, será destacada a visão de cada um dos entrevistados:

ESTREVISTADO A: “O estudo da vida estudo.. estuda um pouco de tudo, não estuda só, não ta só reduzida à vida, aquela coisinha pequena, é algo que você pode expandir, se você conseguir você pode expandir sua visão, e achar um pouquinho de ciências em cada coisa, né? Afinal, matemática é uma ciência, física é uma ciência, química é uma ciência, elas não tratam só de plantas e animas.”

Interessante notar que esta abordagem de ciência guarda semelhanças a proposta pela Resolução nº 30, de 1974 que trazia em seu bojo a Licenciatura em Ciências com quatro modalidades (Matemática, Física, Química e Biologia). Destaco ainda que este entrevistado apresentasse uma visão de ciências fragmentada e relacionada como o curso foi montado ao longo destes anos.

Os entrevistados B e D apresentaram uma visão semelhante de Ciência. Em suas palavras:

ENTREVISTADO B: “É a transformação de tudo que ta na natureza, tudo ta em movimento, tudo ta mudando e você tem que entender o porque e pra onde isso vai.”

ENTREVISTADO D: “Ciência é tudo aquilo que a gente tem um fundamento, uma explicação, tem um... Uma metodologia de, de, de... Como que aconteceu, explicar pra onde que, como que a gente vai fazer.”

Ambas preconizam principalmente a função da ciência como a forma de entender e explicar o universo e os fenômenos que estão a sua volta. Todavia, não engloba a dinâmica da ciência como uma progressão e não um fim em si mesma. A entrevistada D também leva em conta a metodologia científica, a construção de métodos de exploração dos variados fenômenos na compreensão da ciência.

ENTREVISTADO C: “Ciências é um estudo constante de tudo que nos cerca. É um... Qualquer coisa que possa ser estudada vira uma ciência.”

Na visão do Entrevistado C, a ciência é um estudo que envolve todo o contexto em que estamos inseridos; uma visão da Ciência que levou em consideração a observação.

Os Entrevistados A, B e D creditaram a mudança na visão de Ciências que eles possuíam a Universidade, como uma amplificadora de percepção. Mostrando a complexidade do que parecia simples, transformando antigos dogmas e opiniões e ampliando o entendimento. Apenas o entrevistado C concluiu que a universidade mudou seu foco, mas não sua visão a respeito da Ciência.

ENTREVISTADO A: “Algumas coisas que antes eu via como: ‘Só.. Ah é só aquilo’. Tinha uma visão reduzida, agora eu consigo ter uma visão mais ampla de algumas coisas.”

ENTREVISTADO B: “deixou as coisas mais claras, realmente coisas que eu achava que era aquilo e não era. (...) Acho que a minha opinião (sobre a ciência), o que eu entendia já era, mas, vamos dizer que ficou assim mais aberta, um leque maior.”

ENTREVISTADO D: “Sem dúvida! (...) a minha visão mudou muito com relação a muitas coisas com relação à ciência.”

A respeito das funções das IES, Chaui (2003) argumenta que a educação¹⁶ é inseparável da formação, desta forma a universidade possui tanto a função de educadora quanto de formadora. Embasados nesta afirmação compreende-se que a maneira pela qual estas funções são desempenhadas está diretamente relacionada à mudança ou ausência de mudança da visão do estudante, como no caso dos nossos entrevistados. A formação é expressa nas seguintes palavras pela referida autora:

O que significa exatamente formação? Antes de mais nada, como a própria palavra indica, uma relação com o tempo: é introduzir alguém ao passado de sua cultura (no sentido antropológico do termo, isto é, como ordem simbólica ou de relação com o ausente), é despertar alguém para as questões que esse passado engendra para o presente, e é estimular a passagem do instituído ao instituinte. (p. 12)

Baseado nisso, pode-se compreender que a função formadora da universidade é partir de uma visão pré-existente do estudante, e alterá-la de maneira que questões no

¹⁶Para a autora a educação, como processo permanente, “é movimento de transformação interna daquele que passa de um suposto saber (ou da ignorância) ao saber propriamente dito (ou à compreensão de si, dos outros, da realidade, da cultura acumulada e da cultura no seu presente ou se fazendo)” (p. 11)

presente possam ser respondidas e relacionadas sob nova perspectiva. É um processo de alteração e ampliação da obra do pensamento, de modo ao posterior sempre superar o já existente:

a obra de pensamento só é fecunda quando pensa e diz o que sem ela não poderia ser pensado nem dito, e sobretudo quando, por seu próprio excesso, nos dá a pensar e a dizer, criando em seu próprio interior a posteridade que irá superá-la. (...) o instituir o novo sobre o que estava sedimentado na cultura, a obra de pensamento reabre o tempo e forma o futuro. Podemos dizer que há formação quando há obra de pensamento e que há obra de pensamento quando o presente é apreendido como aquilo que exige de nós o trabalho da interrogação, da reflexão e da crítica, de tal maneira que nos tornamos capazes de elevar ao plano do conceito o que foi experimentado como questão, pergunta, problema, dificuldade. (CHAUI, 2002, p.12)

Levando em consideração que este estudo também procura compreender porque os profissionais da Rural não são aproveitados pela cidade, questionou-se aos entrevistados se eles, como moradores, possuíam pretensão de trabalhar no município após a conclusão do curso de graduação. A resposta não foi positiva. Os estudantes pretendem ingressar no mercado de trabalho, mas não no referido município. Podemos argumentar que esta negativa se deve a variados fatores que podem englobar a falta de condições do exercício docente na sua cidade, a oportunidade de trabalho em outras regiões, busca por melhores condições de infraestrutura e lazer; assim também como também à fragilidade da relação universidade-escola. Como aponta estudos como de Reis e Bandos (2012), o processo educacional é um dos mecanismos operativos de transformação da estrutura social, e pode ser até o mais importante deles. Este processo pode ser feito diretamente pela própria instituição ou indiretamente pelos profissionais formados por ela que atuam na cidade.

Como formadoras de competências, as IES tem importante papel na formação dos seus discentes tanto em aspectos sociais quanto econômicos. Sendo assim cabe às universidades trazerem ao conhecimento dos seus alunos os problemas da sociedade em geral e de forma particular da sua região ou cidade para que através destes possam ser criadas soluções viáveis, inovações e a responsabilidade com a sociedade de forma geral(p. 424).

A que se considerar que o desenvolvimento social está atrelado a importância do sistema de ensino e quando prioritário acompanha o desenvolvimento econômico como uma via de mão dupla. Neste sentido, faço uma comparação de um mapa da divisão de bairros da cidade de Seropédica (representado na Figura 1), com o mapa de 2013 do

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) disponível e desenvolvido pelo programa internacional PNUD¹⁷ (Figura 2). Este índice é composto a partir de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda.

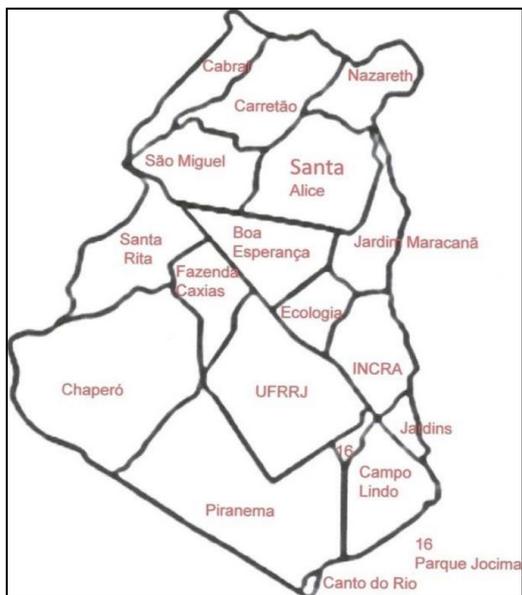


FIGURA 1: Divisão do município de Seropédica em bairros

Fonte: Tese de doutorado. Coutinho (2014)



FIGURA 2: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Seropédica, RJ.

Fonte: <http://www.pnud.org.br/arquivos/idhm-brasileiro-atlas-2013.pdf>

Ao fazer uma sobreposição dos mapas representados nas figuras, é possível notar que os bairros que possuem o índice de IDHM considerado “muito alto” ou “alto” dentro do próprio município, são aqueles que estão intimamente ligados e próximos à universidade. Demonstrando mais uma vez o potencial de influência que a Universidade e educação em si apresentam e pode ter no município.

Apesar de o acesso a universidade acontecer de forma mais democrática, através do ENEM/SISU, os dados mostram que os moradores de Seropédica ainda tem pouco acesso aos cursos da UFRRJ. Além disso, quando estes moradores cursam a universidade, as possibilidades de não atuarem mais no Município se torna real. Através dos entrevistados argumento sobre a fragilidade da relação escola-universidade-

¹⁷ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

comunidade. Mesmo havendo uma aproximação geográfica, esta relação se apresenta muito tênue.

Ao refletirmos sobre esta questão, Coutinho (2014) cita que “a universidade mantém-se, ainda, distanciada de sua cidade, apartada de seu cotidiano, do dia-a-dia da população, e contribuindo, ainda muito pouco, para o seu desenvolvimento, sobretudo para cultura e educação de sua gente.” (p. 219) e os contatos pontuais entre as duas “são ineficientes para que a comunidade efetivamente se beneficie da presença universitária na região.” (p. 215).

Finalizo esta monografia com um cartaz¹⁸ feito na Manifestação Estudantil em 2012, que traduz a inquietação pela qual surgiu grande parte da ideia deste trabalho e persiste após o término do mesmo.



FIGURA 3: Cartaz na Manifestação Estudantil

Fonte: levanterj.wordpress.com/category/educacao/

¹⁸ O cartaz foi apresentado na tese de Coutinho (2014). Ele se refere a uma Aula Pública ocorrida em Seropédica no dia 10 de junho de 2012, promovida por algumas entidades: Levante Popular da Juventude, Comando de Greve da UFRRJ, Instituto de formação humana e educação popular (IFHEP), Associação dos Docentes da Universidade Rural (ADUR) e Teatro Militante, durante a greve das Universidades Federais, organizada nacionalmente pelo Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN), e na UFRRJ pela ADUR.

ANEXOS

ANEXO I – Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE BIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado/a: _____

Convidamos V.S^a a participar voluntariamente da pesquisa apresentada a seguir.

Pesquisa:

O CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UFRRJ E O SEU IMPACTO EM SEROPÉDICA: HISTÓRIAS A CONTAR

Pesquisadores:

Graduando: ThamiresBrazil Martins miresbrazil@ufrj.br
Orientadora: Daniele Aparecida Lima Tavares lima.tavares@gmail.com

Justificativas:

Como Instituição Federal de Ensino localizada em Seropédica - RJ sobre o tripé de Ensino, Pesquisa e Extensão, a UFRRJ influi de forma direta ou indireta na dinâmica desta cidade e seus moradores. Neste trabalho visamos especificamente aqueles que residem de forma fixa na cidade, conhecendo a parte de sua história que interliga a Universidade e a cidade onde residem.

Objetivos:

Compor um pano de fundo a respeito da escolha pelas Ciências Biológicas na UFRRJ. Compreender como a visão social das ciências / Ciências Biológicas poderiam estar impactando na escolha deste curso neste município. Analisar a influência ou a possível influência que esta universidade tem na sua comunidade local.

Metodologia:

Entrevistas, através de áudio-gravação.

Eu, _____
de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa de monografia andamento no Instituto de Biologia da UFRRJ. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a áudio-gravação da entrevista a ser cedida para fins de registros acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem penalização alguma e sem nenhum prejuízo que me possa ser imputado.

Thamires Brazil Martins, graduando.

Prof. Daniele A. Lima Tavares, orientadora.

[assinatura do voluntário]

Nome _____ completo:

E-mail: _____ Tel. _____

Identificação (RG): _____ | Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2015.

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma do(a) voluntário(a) e outra para os arquivos dos pesquisadores.

ANEXO II – Perguntas da entrevista.

- 1) Escolaridade dos pais
- 2) Profissão dos pais
- 3) Infância em Seropédica
- 4) Visão da Rural na infância e adolescência
- 5) Visão da Rural como local de produção de conhecimento
- 6) Escola em que cursou o Ensino Fundamental e Ensino Médio
- 7) Conhecimento de professor formado pela Rural nesse tempo
- 8) Por que motivo escolheu a Rural
- 9) Por que motivo escolheu as Ciências Biológicas
- 10) Período atual e turma de ingresso
- 11) O que é Ciências?
- 12) Essa visão foi modificada após o ingresso na Rural?
- 13) Como formado há pretensão de trabalhar em Seropédica?

ANEXO III – Entrevistas

Legenda: T: Thamires; E: Entrevistado; (*) Pausa prolongada; *** nomes citados que foram preservados.

Entrevista A

T -Primeiro eu gostaria de saber qual é a escolaridade dos seus pais.

E -Meu pai eu não sei. Minha mãe tem o superior incompleto. Ela fez... Ela começou a fazer Economia Doméstica na Rural, mas ela não concluiu.

T -E qual é a profissão dela?

E - Autônoma. Ela trabalha aqui, ela trabalha no bar... tem um brechó. Essas coisas assim.

T - Conte como foi a sua infância em Seropédica

E - Foi tranquila! (*) Não tem muito o que falar não, foi bem tranquila, “Num”.. Não teve nada de, de... extraordinário. Foi uma infância, digamos que... é...(*) tranquila mesmo, não tem muita coisa pra falar não.

T - Como você via a Rural na sua infância e adolescência.

E -Na minha infância? (*) Olha eu tenho uma memória bem, bem ruim , mas.. Eu não lembro se eu tinha uma visão formada da Rural. Não tinha uma visão sobre a Rural, nem sobre a respeito de lazer, muito a respeito disso. Eu fui algumas vezes na Rural na minha infância, mas foi por..por assim.. com parentes, alguma coisa do tipo, mas.. (*) eu não tive... (*) eu não ti(ve).. eu não tenho uma visão assim, eu não tive uma visão da Rural quando na infância. Na adolescência, eu já tinha uma visão um pouco melhor, visão de universidade, estudar e tudo mais, mas eu não tinha aquela coisa de “Ah, eu quero estudar na Rural!” não, eu nunca tive aquela vontade “Ah, Rural, Rural, Rural”, não, isso eu nunca tive!

T - Essa universidade era vista como um local de produção de conhecimento nesse período da sua vida?

E -Eu acho que era menos vista, não era tão assim vista como(*) uma produção de conhecimento, acho que era mais vista como: “Ah, uma universidade” ponto.

T -Em que escola você cursou o seu ensino fundamental?

E - Fundamental? Nossa.. (*) CAIC¹⁹, foi no CAIC. Uma parte no CAIC e a outra parte no Valtair Gabi²⁰.

T - E o seu Ensino Médio?

¹⁹ Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – Paulo Dacorso Filho

²⁰ Escola Municipal Valtair Gabi (Seropédica)

E - Raythe. (*) Os três anos.

T - Você conhece algum professor ou já estudou com algum professor que foi formado pela Rural?

E - Ah, conheço bastante. Conheço alguns..

T - Mas fora da Universidade, nessas escolas do Ensino Fundamental e Médio.

E -No Ensino Médio não. Eu conheço alguns da Universidade.. Ah não.. Conheço sim! Conheço al(guns).. alguns também fora da Universidade que dão aulas no município, mas não nesse município. Dão aula em outro município, não no município. No município aqui de Seropédica eu não lembro de nenhum professor que tenha sido formado na Rural não.

T - Por que você escolheu a Rural?

E - Proximidade de casa.

T -Por que Ciências Biológicas?

E -Porque eu fiquei 5 anos tentando Ciências Biológicas e eu só caía na abençoada Matemática, (risos) que não tem nada a ver com Biologia, (*)né? Mas... é que eu gosto muito da área. Eu gosto muito da parte de Ciências Biológicas. (*) Eu gosto da parte de Botânica, eu gosto da parte de evolução, da parte de ecologia, só não gosto muito da parte de Zoologia de Invertebrados, entendeu? Mas tirando isso, eu gosto um pouco de cada área.

T - Em qual ano você entrou na Rural?

E - Foi... 2014-2. Não. Que eu entrei na Rural? 2012-2. (20)12? É 2012-2. Mas aí... Teve aquele.. mas eu entrei em Matemática, teve aquele processo todo. Aí eu saí da Matemática, eu cancelei a matrícula, aí eu fui pra Biologia em 2014-2.

T - Em qual semestre você está agora? Qual período?

E - Eu tô no segundo.

T - O que você entende por Ciências?

E - Ciências? Ah, o estudo, como o tradicional, né? O estudo da vida estudo... Estuda um pouco de tudo, não estuda só, não ta só reduzida à vida, aquela coisinha pequena, é algo que você pode expandir, se você conseguir você pode expandir sua visão, e achar um pouquinho de ciências em cada coisa, né? Afinal, matemática é uma ciência, física é uma ciência, química é uma ciência, elas não tratam só de plantas e animas.

T - Você acha que essa visão mudou após você cursar as Ciências Biológicas?

E - Mudou sim. Mudou um pouco. Algumas coisas que antes eu via como: “Só.. Ah é só aquilo”. Tinha uma visão reduzida, agora eu consigo ter uma visão mais ampla de algumas coisas.. Plantas, no dia-a-dia... Acerca... Assim numa visão geral eu consigo, consegui ampliar um pouco mais a minha visão.

T - E quando você se graduar em Biologia? Você pretende trabalhar na sua cidade?

E - Olha: Não sei! (risos) eu sinceramente, eu não sei! Vou trabalhar aonde surgir vaga pra trabalhar, entendeu? Eu não tenho ainda muito aquela coisa de: “ não, vou trabalhar aqui!” “Vou trabalhar em tal lugar” Não. É aonde , onde aparecer, eu vou... Entendeu?

ENTREVISTA B

T – Qual a escolaridade dos seus pais?

E – Meu pai tem o fundamental completo e minha mãe o ensino médio completo.

T – E qual é a profissão deles?

E – Minha mãe é empregada doméstica, meu pai é autônomo.

T – Conte um pouco sobre sua infância em Seropédica

E – Nossa.. Então, eu fui criada aqui.. Brincava na Rural né, porque era única coisa que a gente tinha realmente, né? Meu avô era funcionário e morava na Floresta²¹ então o final de semana era brincar na floresta né?

T – Como você via a Rural na sua infância e adolescência?

E – (*) ah... (*) ah, como eu via? Nossa... (*)Ah, via como, eu acho o quintal da minha casa, uma extensão.. É, acho que era isso, uma extensão da minha casa que não era, às vezes se fala: “ah a Rural!”, normal a Rural, assim só isso. To tão acostumada né? (risos)

T – Essa Universidade era vista como um local de produção de conhecimento nesse período de sua vida?

E – Acho que não, acho que depois no Ensino Médio. Acho que de repente tive uma visão diferente, mas quando mais nova não.

T – Em que escola você cursou o Ensino Fundamental?

E – Fernando Costa²²

T – E o Ensino Médio?

E – Fernando Costa e CIEP²³

T – Você conhece algum professor ou já estudou com algum professor formado na Rural nesse tempo de (Ensino) Fundamental e Médio?

E – Que me lembre... assim que eu me lembre e saiba não. Que eu me lembre não.

T – Por que você escolheu a Rural?

E – Porque era perto de casa (risos) Mas é! É verdade, ué? A facilidade eu não gasto com nada, tô em casa, não tenho que me deslocar, mora a 5 minutos (risos)

T – E por que Ciências Biológicas?

²¹ Instituto de Floresta dentro da UFRRJ- IF

²² Colégio Fernando Costa – Colégio Privado

²³ Centro Integrado de Educação Pública – Colégio Estadual

E – Porque isso aí eu sempre quis fazer. Assim, é uma coisa que eu sempre tive curiosidade, desde pequena eu sabia que queria fazer alguma coisa relacionada a isso, não sabia que era Biologia, mas sabia que era relacionado.

T – Em qual ano você entrou na Rural?

E – Pra Biologia, 2012.

T – Em qual semestre do curso você ta agora?

E – sexto.

T – O que você entende por Ciências?

E – Ciências? É a transformação de tudo que ta na natureza, tudo ta em movimento, tudo mudando e você tem que entender o porque e pra onde isso vai. É isso...

T -Você acha que essa visão mudou após você começar a cursar Ciências Biológicas na Rural?

E – Mudou em que? Em relação ao que eu entendia?

(Menção afirmativa da entrevistadora)

E – Ah..acho que deixou as coisas mais claras, realmente coisas que eu achava que era aquilo e não era. Assim, não que.. Acho que a minha opinião o que eu entendia já era, mas, vamos dizer que ficou assim mais aberta, um leque maior.

T – Quando você se formar em Ciências Biológicas você pretende trabalhar na sua cidade?

E – Vontade, vontade não! Pode ser com um pouco do tempo, mas eu não quero ficar por aqui não. (suspiro) To sendo sincera...

ENTREVISTA C

T – Primeiro eu gostaria de saber, qual a escolaridade dos seus pais?

E – Superior incompleto de ambos.

T – E qual a profissão de seus pais?

E – Minha mãe sempre foi dona de casa, ela não terminou a faculdade e meu pai era sargento do Exército.

T – Conte um pouco sobre a sua infância em Seropédica?

E – Ah.. Tranquila! Na época ainda dava pra brincar na rua (risos) Não tinha tanto, tantos problemas quanto você vê de movimento, de população mesmo. Foi tranquila.

T – Como você via a Rural na sua infância e adolescência?

E – Ah, eu sempre... Eu sempre tive expectativa de estudar na Rural um dia. Mas na época eu ainda não sabia o que. Sempre gostei de Biologia, mas ainda não tinha certeza se era essa área que eu ia seguir. Eu acho que eu queria estudar na Rural desde cedo.

T – Essa Universidade era vista como um local de produção de conhecimento nesse período de sua vida?

E – Ah, não sei. Eu acredito que sim, mas na minha visão, como criança eu não tinha ideia dessas coisas. Só depois que eu passei pelo CTUR²⁴, é que eu comecei a ter a dimensão da Rural.

T - Em que escola você cursou o Ensino Fundamental?

E – Uma parte eu estudei em escola estadual, ali no Raythe²⁵, e a outra no Fernando Costa.

T –E o seu Ensino Médio?

E – No CTUR, todo ele. Colégio Técnico da Rural.

T - Você conhece algum professor ou já estudou com algum professor formado na Rural?

E – Já, já!

T – Sem ser na Rural..

E – Já, sim, sim!

T - Por que você escolheu a Rural?

E – Porque é mais perto de casa e também porque aqui tinha o curso que eu queria fazer. Aí, para mim uniu o útil ao agradável.

²⁴ COLÉGIO TÉCNICO DA UNIVERSIDADE RURAL

²⁵ Colégio Estadual Professor Waldemar Raythe

T - Por que Ciências Biológicas?

E – Eu sempre gostei, sempre quis... Tive curiosidade da natureza, de saber as coisas, de ver a evolução de espécies, quis sempre quis me aprofundar nessa área.

T - Em qual ano você entrou na Rural? E em qual semestre do curso você está agora?

E – Em entrei em 2011 pra Biologia. E período cronológico eu tô no 10º e período efetivo eu tô no 8º.

T – O que você entende por Ciências?

E – Ciências é um estudo constante de tudo que nos cerca. É um... Qualquer coisa que possa ser estudada vira uma ciência.

T – Você acha que essa visão mudou após cursar Ciências Biológicas na Rural?

E – Não, Não! Pode mudar o foco do que eu quero estudar, mas a essência do que é ciência não muda.

T – Como graduado em Ciências Biológicas você pretende trabalhar em sua cidade?

E – Hum, Acho difícil. Só se por acaso eu conseguir trabalhar numa instituição de pesquisa, na EMBRAPA ou mesmo na Rural, mas... Na docência eu não pretendo atuar.

ENTREVISTA D

T – Primeiro eu gostaria de saber qual é a escolaridade dos seus pais.

E – Minha mãe, ela ta concluindo agora o Ensino Médio, porque quando ela ficou grávida ela teve que parar os estudos. E meu pai também parou no Ensino Médio.

T – E qual é a profissão dos seus pais?

E – Minha mãe ela é autônoma, ela é proprietária de salão de beleza e meu pai, ele é militar.

T – Conte um pouco sobre a sua infância em Seropédica

E – Olha, a minha infância em Seropédica ela foi sempre voltada muito para, mesmo independente de conhecer algumas áreas eu sempre tive voltada pro estudo mesmo. Era ir pra casa estudar, aí vinha pra a Rural brincar, depois voltava pra casa pra estudar pra algum outro curso. Então era muito essa questão mesmo de estudo, cursos e sempre gostei muito daqui e via a instituição como local que eu queria um dia ingressar pra fazer algum curso

T – Como você via a Rural na sua infância e adolescência? (risos)

E- (risos) É, justamente! A Rural era um local onde a gente vinha pra brincar, primeiramente era isso, que tinha/tem a área, a instituição ali da Educação Física, né? Que a gente vinha pra brincar, aí tinha festival de balão, aí a gente via que tinha uma “ingresso” mais dentro da instituição, só que depois de um tempo conforme a gente foi, eu fui ficando mais velha vem aquela percepção do ensino da graduação. Então eu passei a ver a instituição como um local de interesse mesmo pra fazer uma graduação, né, nível superior.

T – Essa Universidade era vista como um local de produção de conhecimento nesse período de sua vida?

E – Sim, porque na instituição que eu estudava a gente sempre foi ensinado a conhecer o que a gente iria fazer além dali. Aí, eles apontavam alguns locais e levavam a gente para conhecer e a Rural por ser muito próxima, né, era um dos locais que eles colocavam mais em foco, justamente com o colégio técnico no ensino médio.

T – Em que escola você cursou o ensino fundamental?

E – O ensino fundamental foi no colégio Fernando Costa.

T-E o ensino médio?

E – Também.

T - Você conhece algum professor ou já estudou com algum professor formado pela Rural (sem ser na Rural)?

E – Já. Ele era um professor que se chamava *** e ele era formado e tava fazendo mestrado na área da química, ele era professor no ensino médio na química orgânica, e tinha mais uma na área de... Biologia se eu não me engano, também. Que era uma senhora chamada ***.

T - Por que você escolheu a Rural?

E – Escolhi a Rural não só por ser perto de casa, que muitas vezes pensam que eu escolhi porque é perto de casa, mas porque...devido o curso, né, que era o que eu queria, a proximidade com a minha casa e tava ligada a uma área que eu tinha interesse, que é a área forte da zoologia também.

T – E por que Ciências Biológicas?

E – Ciências Biológicas é porque vem de uma coisa familiar também, né? Minha mãe sempre tá voltada com bichos, meu avô também e isso foi inspirando dentro de mim uma vontade mesmo de conhecer mais, de conhecer sempre ligada a Biologia também dentro da escola com os experimentos, essas coisas de feira de ciências foi me despertando o interesse para Ciências Biológicas.

T – Em qual ano você entrou na Rural e em qual semestre do curso você se encontra?

E – Eu entrei em Ciências Biológicas no ano de 2014 e com aproveitamento de créditos eu fui pro 5º período.

T - O que você entende por ciências?

E – Ciência é tudo aquilo que a gente tem um fundamento, uma explicação, tem um... Uma metodologia de, de, de... Como que aconteceu, explicar pra onde que, como que a gente vai fazer. Tudo, tudo é ciência, desde, da área religiosa a gente explica ciência. Tudo é ciência, e evolução, tudo.

T - Você acha que essa visão mudou após cursar Ciências Biológicas na Rural?

E – Sem dúvida! Porque no colégio eles ensinam a ciência como aquele caminho que difere religião. Ah, Deus criou o mundo, a ciência criou os animais que vinham com essa divergência, e depois a gente aprende a questão de evolução, aí a minha visão mudou muito com relação a muitas coisas com relação a ciência. Não só dentro da área da Biologia, mas as áreas que a Biologia estuda também ligada a química, cálculos e etc.

T – Como graduada em Ciências Biológicas você pretende trabalhar em sua cidade?

E – No primeiro momento sim, mas eu pretendo na área de licenciatura e depois eu pretendo fazer o Bacharel pra poder trabalhar em algumas empresas que por enquanto ainda não tem polo em Seropédica não.

Referências Bibliográficas.

ADÚRIZ-BRAVO e A. y IZQUIERDO, M. (2002). Acerca de la didáctica de las ciencias como disciplina autónoma. In: *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, Vol. 1. No. 3, 2002.

ALBERTI, V. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

AYRES, A. C. M. *Tensão entre Matrizes: um estudo a partir do curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Formação de Professores/UERJ*. Tese de Doutorado. Niterói: FE/UFF, 2005.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 11–30, 2002.

CHAUÍ, M. *A Universidade Pública sob Nova Perspectiva*. Conferência de abertura da 26ª reunião Anual da ANPED, Poço de Caldas, 5 de Outubro de 2003

COUTINHO, M. A. G. C., *Da universidade surge a cidade, da cidade as escolas: a UFRRJ e a educação pública municipal de Seropédica*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

DELGADO, L. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. HISTÓRIA ORAL, 6, 2003, p. 9-25

DURBANO, J. P. D. M. *Investigação de concepções de alunos de ciências biológicas do IB/USP acerca da Natureza da Ciência*. Dissertação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

LIMA-TAVARES, D. *Estudo sócio-histórico da formação docente em Ciências Biológicas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1968- 1986)*. Tese de Doutorado em Educação. Niterói: FE/UFF, 2011.

LOPES, S. e ROSSO, S.. *Biologia Vol. Único*. Editora, Saraiva, 2005.

LUCADO, M. Na jornada com Cristo: o roteiro de Deus para a realização pessoal; traduzido por Maria Emília de Oliveira – São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MARTÍNEZ, J. J. B. e BENARROCH, A. B. Concepciones y creencias sobre ciencia, aprendizaje y enseñanza de profesores universitarios de ciencias. In: *REIEC Volumen 8 Nro 1 Mês Junio, p 24 – 41*, 2012

OTRANTO, C. R. A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a Construção da sua Autonomia. Seropédica: UFRRJ, 2003.

PICOLLI, B. Memória, história e oralidade. In: *Revista Mnemosine.V.1.nº 1*. Jan. a Jun/2010. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande: UFCG, p 168 – 184, 2010.

SILVA, B. V. C. A natureza da ciência pelos alunos do ensino médio: Um estudo exploratório. In: *Latin-American Journal of Physics Education 4*, p. 620-627, 2010.

SOUSA, C.; CATANI, De.; SOUZA, M. C.; BUENO, B.. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 2, p. 61-76, 1996.

Sites consultados:

<http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br/dataEscolaBrasil/> acessado em 19/05/2015

<http://r1.ufrj.br/graduacao/paginas/home.php?id=Cursos> acessado em 19/05/2015

http://r1.ufrj.br/centrodememoria/ufrj_historia.php acessado em 03/03/2015

<http://educaseropedica.rj.gov.br/2013/a-historia-de-seropedica/> acessado em 03/06/2015

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=330555&search=|infg%El%fic%F3rico> acessado em 03/06/2015

<http://www.pnud.org.br/arquivos/idhm-brasileiro-atlas-2013.pdf> acessado em 12 de junho de 2015

<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-matricula> acessado em 27/06/2015